



No quarto capítulo de "Famiglia Ancelotti", **Correio** revela nuances da liderança de Marquinhos. Escolhido pelo treinador como o capitão da caça ao hexa, zagueiro de três Mundiais se aproxima do top-10 de atletas com mais jogos pela Seleção

# O peso leve da braçadeira

DANILO QUEIROZ

A braçadeira de capitão costuma ser um símbolo de liderança. No caso de Marquinhos, ela virou também um retrato da própria transformação da Seleção Brasileira nos últimos anos. Aos 32 anos, o zagueiro desembarca para a terceira Copa do Mundo da carreira como um dos poucos consensos dentro do grupo comandado por Carlo Ancelotti. Não apenas pela qualidade técnica ou pelo currículo recheado de títulos. O camisa 4 tornou-se a principal referência de uma geração marcada por mudanças constantes de treinadores, eliminações dolorosas e pela busca incessante do hexacampeonato mundial.

A caminhada até aqui passou por praticamente todos os sentimentos possíveis. Revelado pelo Corinthians e campeão da Libertadores em 2012 antes mesmo de completar 20 anos, Marquinhos atravessou o Atlântico ainda muito jovem e construiu uma trajetória rara no futebol europeu. Em Paris, viu o Paris Saint-Germain investir bilhões, trocar estrelas, fracassar repetidamente e, finalmente, alcançar o objetivo máximo do clube. Quando a Copa do Mundo começar, ele chegará aos Estados Unidos como bicampeão consecutivo da Liga dos Campeões, vencedor da Supercopa da Uefa e do Intercontinental, além de capitão da equipe francesa.

O reconhecimento internacional caminhou lado a lado com a consolidação na Seleção Brasileira. Convocado pela primeira vez em 2013, ainda durante o ciclo para a Copa de 2014, precisou esperar alguns anos para assumir definitivamente o posto de titular. Desde então, transformou-se em peça fixa da equipe nacional. São 104 partidas, marca alcançada por poucos jogadores na história da Amarelinha. A próxima Copa pode colocá-lo entre os 10 atletas com mais atuações pelo Brasil. Faltam apenas três jogos para alcançar o brasileiro pentacampeão mundial Lúcio.

Os números ajudam a explicar a importância dele dentro do grupo, mas existe um dado ainda mais impressionante. Ao longo dos 28 compromissos disputados pelo Brasil neste ciclo mundialista, Marquinhos não recebeu um único cartão. Em uma posição construída sobre disputas físicas, coberturas, faltas táticas e enfrentamentos constantes contra os melhores atacantes do planeta, o zagueiro atravessou três anos e meio sem advertências vestindo a camisa da Seleção. A última foi no longínquo Mundial de 2022, na eliminação contra a Croácia. A estatística revela muito sobre o estilo de jogo desenvolvido ao longo da carreira: leitura apurada, posicionamento refinado e capacidade de antecipação.

## Ferida curada

Naturalmente, a história com a Amarelinha também carrega cicatrizes. A maior delas forjada na noite de 9 de dezembro de 2022. Após empate com a Croácia nas quartas de final da Copa do Mundo do Catar, Marquinhos assumiu a responsabilidade na disputa por pênaltis. A cobrança acertou a trave e decretou a eliminação brasileira. Durante meses, a cena reapareceu em entrevistas, análises e debates sobre o futuro daquela geração. O próprio defensor admitiu, mais de uma vez, o impacto emocional provocado pelo episódio.

Mas também o fez crescer. O erro não produziu um jogador inseguro. Gerou um líder mais experiente. Na final da Liga dos Campeões contra o Arsenal, por exemplo, trocou a comemoração efusiva com os companheiros para consolar Gabriel Magalhães. O companheiro de

zaga na Seleção errou na marca da cal e deu o título europeu ao PSG. Empático, Marquinhos se viu na mesma cena em 2022 e correu para consolá-lo. Uma prova da envergadura do líder. "Sabemos a dor que é, quanto é difícil não ganhar uma Copa do Mundo, ser eliminado. É trazer um pouco dessa experiência para os que estão vindo pela primeira vez", destacou.

O tumultuado ciclo atual serviu como reconstrução coletiva e individual. Entre amistosos, Eliminatórias e mudanças no comando técnico, Marquinhos passou a exercer papel cada vez mais relevante dentro do vestiário. A chegada de Carlo Ancelotti apenas reforçou esse status. O italiano encontrou no defensor uma espécie de extensão da comissão técnica dentro do elenco.

Talvez, por isso, a Copa de 2026 tenha significado diferente para ele. Em 2018, era um zagueiro em ascensão tentando conquistar espaço entre veteranos. Em 2022, carregava a expectativa de liderar uma das seleções mais fortes do torneio. Agora, chega ao Mundial reunindo maturidade, experiência e autoridade. Não existe mais dúvida sobre o lugar ocupado por Marquinhos na Seleção Brasileira. "Vivo esse momento cada vez mais como se fosse minha última Copa."

Quando o Brasil entrar em campo na estreia contra Marrocos, em 13 de junho, a braçadeira continuará presa ao braço esquerdo. O peso dela permanece enorme. Mas há uma diferença vital: depois de mais de uma década defendendo a Amarelinha, ninguém parece carregá-lo com tanta naturalidade quanto o camisa 4.

## MARQUINHOS

**Marcos Aoás Corrêa**  
**Nascimento:** 14/5/1994  
**Local:** São Paulo (SP)  
**Número da camisa:** 4  
**Clube:** Paris Saint-Germain (FRA)  
**Estreia na Seleção:** 16/11/2013  
 Honduras 0 x 5 Brasil — Amistoso  
**Minutos em campo:** 8.331  
**Jogos:** 104  
**Gols marcados:** 7  
**Primeiro gol:** El Salvador 0 x 5 Brasil  
**Participações em Copas:** 2 (2018 e 2022)  
**Principais títulos:** Copa América (2019), Liga dos Campeões (2025 e 2026), Campeonato Francês (2014, 2015, 2016, 2018, 2019, 2020, 2022, 2023, 2024, 2025 e 2026), Intercontinental (2026), Libertadores (2012), Jogos Olímpicos Rio-2016 (2016) e Supercopa da Uefa (2026)



## O herdeiro de Brehme

Nem todos os convocados carregam uma ligação tão curiosa com a história das Copas do Mundo quanto Bremer. Nascido em Itapitanga, no interior da Bahia, o zagueiro recebeu o nome em homenagem a Andreas Brehme, lateral alemão responsável pelo gol do título mundial da Alemanha sobre a Argentina na final de 1990. A inspiração atravessou gerações e, três décadas depois, colocou o brasileiro em uma Copa do Mundo vestindo a camisa da Seleção.

A trajetória até a Amarelinha foi construída longe dos holofotes. Sem passagem pelos grandes centros formadores do país, Bremer precisou abrir espaço gradualmente até se consolidar no futebol italiano. O desempenho chamou a atenção da comissão técnica e garantiu vaga no Mundial de 2022. Mantido por Carlo Ancelotti na lista de 2026, chega como principal alternativa para o sistema defensivo brasileiro.

Apesar de ter apenas sete partidas pela Seleção, o defensor oferece características valorizadas pelo treinador italiano. Forte fisicamente, seguro no jogo aéreo e capaz de atuar em diferentes funções da linha defensiva, tornou-se uma opção importante para momentos de necessidade ao longo do torneio. Aos 29 anos, Bremer desembarca na segunda Copa da carreira tentando escrever uma história própria. O nome veio de um campeão mundial alemão. O desafio, agora, é buscar espaço para construir o próprio legado vestindo a camisa amarela.



## BREMER

**Gleison Bremer Silva**  
**Nascimento:** 18/3/1997  
**Local:** Itapitanga (BA)  
**Número da camisa:** 14  
**Clube:** Juventus (ITA)  
**Estreia na Seleção:** 22/9/2022  
 Gana 0 x 3 Brasil — Amistoso  
**Minutos em campo:** 379  
**Jogos:** 7  
**Gols marcados:** 1  
**Primeiro gol:** França 2 x 1 Brasil  
**Participações em Copas:** 1 (2022)  
**Principais títulos:** Copa da Itália (2024)